

A ironia, a retórica antiga e a retórica francesa

IDA LÚCIA MACHADO
Departamento de Letras Românicas
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este artigo postula que pesquisas atuais sobre a ironia não devem deixar de lado as concepções que os Antigos clássicos tinham sobre a questão. Na primeira parte da exposição é rapidamente examinada a noção de ironia segundo Platão, que vai inspirar as reflexões da retórica clássica, mais precisamente Aristóteles, Cícero e Quintiliano, cujas idéias constituem a base dos estudos clássicos franceses; na segunda parte são feitas considerações sobre a visão da ironia oferecida por três tratados de retórica franceses (séculos XVII, XVIII e XIX); na terceira parte, é focado o “renascimento” da retórica na França e a idéia central do fenômeno irônico.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia, retórica clássica, retórica francesa, persuasão.

A reflexão lingüística se esquece, às vezes, das aquisições do passado. Ora, no caso que me interessa - o estudo da ironia em textos literários e paraliterários de língua francesa, visto sob o enfoque da pragmática lingüística - acredito não ser possível fazer uma análise do problema sem antes “visitar” suas raízes filosóficas e retóricas. É o que me proponho a fazer neste artigo.

Dividirei minha exposição em três partes: na primeira examinarei a ironia segundo os quatro nomes que constituem as bases da escola clássica francesa: Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano; na segunda farei rápidas considerações sobre a retórica francesa do século XVII ao século XIX; na terceira mostrarei a situação dos estudos irônicos em relação à moderna retórica francesa. Para melhor especificar o objetivo desta exposição, usarei as palavras do lingüista francês Michel Le Guern (Le Guern, 1978, p.49):

“As dificuldades que o estudo da ironia apresenta, o embaraço diante do qual ficamos, ao tentar integrá-la à lingüística atual, são talvez suficientes para justificar este olhar voltado para o passado, esta busca de luzes talvez esquecidas.”*

A ironia e a retórica antiga

A retórica é a arte de falar bem e também a arte de pensar bem a linguagem.; é uma técnica para se compor um discurso com fins persuasivos. “A retórica, diz Górgias a Sócrates, é a arte dos discursos.”(Platon, *Górgias*, 449 c e 450 a). Sobre o que considera a “operária da persuasão” Sócrates (*op.cit.*) dirá:

“...a retórica não precisa conhecer a realidade das coisas. Basta que ela use um certo procedimento de persuasão - coisa que ela inventou, aliás - para que ela pareça, para os ignorantes, mais sábia do que os sábios.”

A retórica é então, por extensão, a arte de persuadir através do dizer e de dizer para persuadir.

Segundo o *Dictionnaire Universel des Lettres - Laffont Bompiani*, há duas definições clássicas para a retórica: a de Aristóteles e a de Quintiliano. Se a definição de Aristóteles considera a persuasão como predicado maior da retórica, a definição de Quintiliano questiona tal idéia e, por assim dizer, condiciona o uso da retórica ao orador que possua bons princípios morais; tal concepção é análoga às idéias de Platão (e talvez também às idéias de Sócrates). De um modo ou de outro, como objeto específico de um homem de bem ou como objeto de persuasão, não se pode negar a dimensão essencialmente comunicativa da retórica. É dentro dessa perspectiva que se deve considerar o lugar da ironia na retórica, ou seja: como uma figura de pensamento usada com o objetivo de comunicar alguma coisa a alguém.

Há um preconceito em relação à ironia vista através da retórica, uma verdadeira tendência em se acreditar -um pouco precipitadamente, é verdade- que a retórica se limitou a incorporar a ironia em alguma de suas extensas listas de figuras e mais nada, o que, forçosamente, reduziu as inúmeras possibilidades do fenômeno. Para Michel Le Guern, no artigo “Éléments pour une histoire de la notion d’ironie”, escrito em 1978, o hábito que têm certos autores de classificar a ironia apenas como antífrase ou como simples tropo, decorre de uma má interpretação das idéias de Quintiliano. Já para Beauzée, que, em 1789, escreveu o item *Ironie* para a *Encyclopédie*, foi Quintiliano quem fez uma interpretação “inconseqüente” da ironia. Como se pode notar, a visão de Quintiliano sobre a ironia tem sido, ao longo dos séculos, imitada e criticada. Nós voltaremos à questão.

Dentro de outra perspectiva, Beda Alleman, no seu artigo “De l’ironie en tant que principe littéraire”, escrito em 1978, acredita que a noção tradicional que é dada à ironia é por demais fundada numa atitude intelectual, o que limitaria o “uso irônico” a um tipo determinado de intelectuais ou filósofos; Sócrates, é lógico, diz Beda Alleman (não sem uma certa ironia), seria o exemplo perfeito do personagem apto a utilizar tal procedimento lingüístico.

Justamente porque centradas sobre pontos de vista diferentes, estas críticas têm o mérito de mostrar que a visão da ironia ligada à retórica não é assim tão limitada como se supõe...

É bem verdade que, na longa história da retórica e dos diversos códigos e tratados aos quais ela deu origem, a ironia tem, às vezes, sido objeto de interpretações incompletas ou, no mínimo, pouco satisfatórias. Mas tais restrições não se aplicam às idéias veiculadas pelos quatro grandes pensadores que estão na base da retórica clássica francesa: Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano.

Começemos por Platão: é através dele que se pode conhecer a ironia socrática. Mais do que discorrer sobre o fenômeno “ironia”, em termos de definição ou de conceito, Platão mostra o exercício desta arte pela exposição do método socrático. A ironia se revela então pela inversão semântica, pelas interrogações falsamente admirativas e também como visão do mundo do próprio Sócrates. Platão não é totalmente contra a retórica: é justamente seu caráter utilitário que ele se recusa a aceitar, a exemplo de seu mestre Sócrates. Para Platão, há uma “má” retórica (a que não faz caso da verdade) e uma boa retórica (a que é condizente com os princípios morais de sua filosofia).

Os retóricos foram assim inspirados pela atitude socrática e pelo sentido grego da palavra *eironeia* para chamar de *ironia* uma figura cujo uso corresponde a uma maneira de se expressar através da qual se diz o contrário do que se quer fazer compreender. Foi assim que a menção de Sócrates tornou-se um *leitmotif* em todas as definições de “ironia” para os retóricos gregos e

latinos. Examinemos então o que diz Aristóteles sobre a ironia, em sua *Retórica*. Embora não aborde a questão de forma detalhada, Aristóteles dá uma visão panorâmica do assunto: assim a ironia é considerada como uma atitude própria do homem que tem inteligência: “A ironia é mais digna do homem livre que a palhaçada” (Aristote, *Rhétorique*, tome III, p.96); a ironia é também considerada como um uso lingüístico especial, de caráter dúbio: pode aparecer ligada a uma estratégia de dissimulação - e, neste caso, seu uso não é muito recomendável, segundo Aristóteles - ou pode aparecer como “marca” de um estilo elegante, tal como o de Górgias. Além destas considerações, Aristóteles fornece alguns exemplos de perguntas “hábeis”, naturalmente inspiradas pela maiêutica socrática, tais como: “Meu adversário disse isto e eu aquilo: o que teria acontecido, se ele tivesse demonstrado aquilo em vez disso” (Aristote, *op.cit.*, p.97). Em suma, as menções à ironia, na *Retórica*, não são centradas em uma só categoria e se espalham ao longo dos livros II e III. Notemos finalmente que Aristóteles previne contra o *eiron*, adversário temível, no livro II: é o *eiron* que, fingindo calma, não deixa adivinhar que o seu ataque está próximo e apanha o adversário desprevenido.

Examinemos o que diz Cícero: é no livro II do *De Oratore* que menciona explicitamente a ironia, nos parágrafos 269-270 e a classifica entre os diversos gêneros de “brincadeiras”. Notemos que Cícero tenta estabelecer uma distinção entre a ironia (“na qual, por meio de uma zombaria contínua, diz-se algo diferente daquilo em que se pensa”) e a antífrase (“na qual se diz o contrário do que se pensa”), sobre a qual já havia feito menção no parágrafo 262. Cícero cita Sócrates como aquele que, mais que ninguém, sabia manipular esta arte, com graça e bom gosto. O emprego irônico, mistura do picante e do sério, nasce assim, aos olhos de Cícero, de uma associação de palavras com a fineza espiritual do indivíduo que as maneja. Em outros termos, é preciso supor que há, no emprego da ironia, uma relação judiciosa entre o “sincero” (o verdadeiro) e o “estratégico” (o uso da linguagem com um fim preciso). Enfim, cabe-nos lembrar que, no livro III, Cícero volta a falar da ironia, chamando-a de “dissimulação”.

Passemos enfim a Quintiliano: ele trata da ironia nos livros VIII e IX da sua *De Institutione Oratoria*. Para começar, no livro VIII, no capítulo 6, consagrado aos *Tropos*, a ironia é vista como uma espécie de alegoria, “aquela pela qual se entende o contrário do que sugerem as palavras” (Quintilien, *Institution Oratoire*, p. 119). Por outro lado, Quintiliano explicita o que faz com que a ironia seja compreendida como tal: o tom da enunciação, a pessoa que a está empregando, a natureza do tema, enfim, a defasagem ou desacordo que há entre um desses elementos e as palavras pronunciadas. Em seguida, nos parágrafos seguintes (56-57) desse mesmo capítulo, Quintiliano “detalha” o emprego irônico: assim a ironia, como uma espécie de alegoria, pode esconder um desejo de brincadeira, de gozação; além disso, ela serve para exprimir “coisas desagradáveis através de termos atenuados” (Quintilien., *op.cit.*, p. 120). Enfim, Quintiliano cita os termos gregos que mostram os diferentes movimentos da ironia: *sarcazein*, *asteismós*, *antiphrosis*, *parabolê*, sem esquecer de mencionar, no parágrafo 59, o termo *mycterismós*, “espécie de derrisão disfarçada mas não latente” (Quintilien, *op.cit.*, p. 120).

Após esboçar um panorama das manifestações verbais da ironia, no capítulo 1 (“Em que as figuras se diferenciam dos tropos”), do livro IX, Quintiliano anuncia que o tema será retomado. Desta vez a ironia é classificada na categoria de *Figuras do Pensamento*, no capítulo 2. Mas neste ponto, efetivamente, Quintiliano preocupa-se mais em mostrar como a *ironia-figura* é diferente da *ironia-tropo*: para ele, o tropo é mais descoberto do que a figura e não tem um sentido “fingido”, “ainda que, através de um tropo, se diga outra coisa que aquilo em que se pensou” (Quintilien, *op.cit.*, p. 182); na forma figurada da ironia, pelo contrário, “toda intenção é disfarçada” (Quintilien, *op.cit.*, p. 183).

Aí está então a interpretação do fenômeno irônico que parece ter semeado algumas dúvidas nos seguidores de Quintiliano. Como o diz Michel Le Guern (Le Guern, *op.cit.*, p. 53), todos se

apoiam e retiram algo de Quintiliano (direta ou indiretamente), mas nem todos extraem a mesma coisa...

Não nos parece que Quintiliano, afinal, tenha se “perdido” em relação à interpretação da ironia, pois ele a apresentou tanto como intenção e atitude da parte de um locutor específico (como no caso da ironia associada a Sócrates) e tanto como emprego verbal, dispositivo estratégico oferecido pela língua; no primeiro caso, as relações de oposição seriam consideradas de um modo mais amplo e, no segundo caso, elas se limitariam a simples inversão de palavras na frase, sem que isto levasse necessariamente à adoção de atitudes filosóficas de vida.

É assim então que a ironia é vista pelos pensadores que influenciaram os estudos retóricos da escola clássica francesa. Deve-se notar a presença de um ponto em comum em suas definições de ironia: a existência de uma contradição na base do fenômeno, quer este seja considerado do ponto de vista mais restrito (oposição verbal/inversão semântica), quer seja considerado do ponto de vista mais amplo (oposição das intenções de significação face ao sujeito apresentado).

Breves considerações sobre a retórica francesa, do século XVII ao século XX

Inúmeros códigos e tratados de retórica apareceram na França, do século XVII ao século XIX. Citemos os mais conhecidos: *La Rhetorique ou l'art de parler* (1675), do padre Bernard Lamy, o *Traité des Tropes* (1730), de Du Marsais e *Les Figures du Discours* (1827), de Fontanier.

Estes três autores assim definem a ironia:

“Ironia é um tropo através do qual se diz exatamente o contrário do que se está pensando; é como quando se chama de “homem honrado” uma pessoa cujos vícios são conhecidos de todos.” (Lamy, *op.cit.*, livre II, p.65-66)

“A ironia é uma figura pela qual se quer fazer entender o contrário do que se diz: assim as palavras utilizadas pela ironia não devem ser tomadas no seu sentido próprio e literal.” (Du Marsais, *op.cit.*, p.141).

“A ironia consiste em dizer através de uma zombaria, alegre ou séria, o contrário do que se pensa ou do que se quer fazer pensar”. (Fontanier, *op.cit.*, p.145-146)

Note-se que, nos três casos, a ironia foi definida a partir da inversão semântica, o que a liga ao emprego antifrástico. O fato de ter sido “encerrada” na categoria de tropos ou de figuras deu origem a inúmeras críticas; os autores acima citados são, pois, frequentemente acusados de terem reduzido as proporções do fenômeno irônico.

Parece-nos, no entanto, que estas acusações resultam de uma certa má vontade em relação aos “Antigos”. Por mais sofisticados e diversificados que se encontrem os estudos atuais sobre a ironia, não se pode negar a idéia de que ela esteja na origem de uma oposição entre a essência e o fenômeno e que o emprego retórico da ironia supõe uma encenação teatral, já anunciada, aliás, no sentido da palavra grega *eironeia*; nesta encenação, o fato de “dizer o contrário” próprio à ironia corresponde a uma espécie de jogo ou a uma representação que deixa pressentir outras alternativas para o significado das palavras assim empregadas.

A retórica e a ironia nos dias de hoje

Os estudos retóricos, cuja importância foi considerável, durante tanto tempo, foram gradualmente desaparecendo, no fim do século XIX, início do século XX. A impressão era a de que a retórica tinha se acabado para sempre. Esta situação durou até 1958, data do lançamento do

livro *Traité de l'Argumentation - La nouvelle rhétorique* (editado na Bélgica) de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. O livro, muito bem recebido na França, inaugura a volta triunfal da retórica. Outras publicações vêm confirmar este “renascimento”: as *Figures* (1966) de Gérard Genette, a *Rhétorique générale* (1970) de J. Dubois et al., a *Rhétorique et littérature* (1970) de A. Kibedi Varga... A revista *Communications* dedica um número especial à retórica (nº 16, 1970); outras publicações fazem o mesmo.

E a ironia? Como é vista na “nova” retórica? Nas obras que acabo de mencionar, de um modo bastante discreto. Aliás, mesmo na época da retórica clássica francesa, a ironia não ocupava um lugar muito importante nos tratados: sempre foi suplantada pela metáfora e pela metonímia.

Por que este “descaso” pela ironia, na história da retórica francesa? Sem dúvida porque o fenômeno é bem mais complexo do que parece: a ironia é um desses pontos bizarros, intrigantes, ligados ao uso da linguagem e que parece, desde sempre, ter um certo prazer em escapar de todos os que se propõem a “domá-lo”. Talvez aí resida o seu encanto... Apesar (e por causa de) toda a ambigüidade que a envolve, novas perspectivas para sua análise tem aparecido nestes últimos dez anos : citemos por exemplo, o caminho enfatizado pelas abordagens retóricas mais recentes, o da argumentação. A partir do momento em que consideramos a ironia como uma estratégia de comunicação usada a fim de se obter um determinado efeito no interlocutor, torna-se mais fácil estudá-la à luz de conceitos modernos tais como a teoria da enunciação e/ou a pragmática lingüística. Mas é preciso lembrar que, no meio de todas essas “renovações”, a idéia central da ironia não mudou: efetivamente, hoje como ontem, a ironia é um elemento subordinado a um projeto argumentativo cujos fins não são outros que a intenção de persuasão.

Nota

* Em todas as citações feitas, a tradução é nossa.

Referências Bibliográficas

- ALLEMAN, B. De l'ironie en tant que principe littéraire. In: *Poétique* nº 36, 1978, p.385-398.
- ARISTOTE. *Rhétorique*. Tome III, Paris, C.U.F. G. Budé, collection “Les Belles Lettres”, 1960.
- CICERON. *De l'Orateur*. Livre II, Paris, C.U.F. G. Budé collection “Les Belles Lettres”, 1959.
- LAMY, B. *La Rhétorique ou l'art de penser*. Livre II, Paris, Pralard, 1676.
- DU MARSAIS. *Traité des tropes*. Paris, Le Nouveau Commerce, 1730/1977.
- FONTANIER, P. *Les figures du discours*. Paris, Flammarion, 1827/1977.
- LE GUERN, M. Éléments pour une histoire de la notion d'ironie. In: *L'Ironie - Linguistique et Sémiologie* nº 2. Paris, Presses Universitaires de Lyon, 1978, p.47-59.
- PERELMAN, C. et OLBRECHTS-TYTECA, L. *Traité de l'argumentation - La nouvelle rhétorique*. Bruxelles, Ed. de l'Univ. de Bruxelles, 1958/1976.
- QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Livres VIII et IX. Paris, C.U.F. G. Budé, collection “Les Belles Lettres”, 1978.
- PLATON. *Oeuvres complètes*. Tome III, Paris, C.U.F. G. Budé, collection “Les Belles Lettres”, 1955.

MACHADO, Ida L. L'ironie, la rhétorique ancienne et la rhétorique française. *Classica*, São Paulo, 7/8: 303-308, 1994/1995.

RÉSUMÉ: Cet article postule que la recherche actuelle portée sur l'ironie ne doit pas oublier les idées des Classiques sur ce phénomène. Dans la première partie de l'exposé on examine brièvement la notion d'ironie selon Platon en montrant comment ce philosophe a influencé les oeuvres d'Aristote, Cicéron et Quintilien, dont les idées sont à la base des études classiques en France. Dans la seconde partie on pose des considérations sur la vision d'ironie offerte par trois traités de rhétorique parus en France aux XVIIe, XVIIIe et XIXe siècles. La troisième partie enfin, emphatise le retour de la rhétorique en France et l'idée centrale du phénomène ironique.

MOTS-CLÉ: ironie, rhétorique classique, rhétorique française, persuasion.
